

UM LIVRO

FOTO: ACB/VO GINE/ARTECA BR/PILODA

NORMA BENGELL

LANÇADO PELA EDITORA nVersos, em 2014, o livro *Norma Bengell* reúne textos autobiográficos escritos pela atriz e diretora em diferentes momentos de sua profícuca e agitada vida, os quais foram organizados por sua amiga, Cristina Caneca.

A obra é dividida em oito capítulos, que oscilam em estilo e em formato, mas dão conta de revelar os matizes de "La Bengell". A paixão e a liberdade com que escreve dispensam qualquer lógica historicista, misturando ao relato de vida artifícios de uma obra de criação. Há um tom romanesco, tão necessário ao gênero, e que cede às expectativas do leitor ao longo da narrativa autobiográfica. Em dado momento, Norma, a atriz, faz troça do mundo vivido e do mundo sonhado, como na canção *Cacilda*, de José Miguel Wisnik.

Norma Aparecida Almeida Pinto Guimarães d'Áurea Bengell, uma das personalidades femininas mais pulcras da cultura brasileira, nasce no carnaval carioca de 1935, de um ímpeto juvenil da jovem Maria da Glória, moça de família abastada, que abdica de tudo para casar-se com o imigrante belga, afinador de pianos, Christian Friedrich Bengell.

Norma tem uma infância marcada por dificuldades financeiras e pelas constantes brigas dos pais, que tinham perdido o viço daquele amor rebelde. As observações sagazes sobre o ambiente familiar anunciam os gestos e posições que, mais tarde, assumiria frente aos relacionamentos pessoais e à vida profissional. Nesse cotidiano insosso, a menina fogia para o cinema para sonhar. Exercitou a rebeldia no seio da família e também no colégio de freiras, para onde fora mandada pela austera avó francesa.

Aos 16 anos, começa a trabalhar para garantir o sustento próprio e da mãe, que havia se separado do marido, tomando-se manequim da famosa Casa Canadá. Querria ser alguém, em vez de ser de alguém, ainda que, naquela época, a mulher "nascia, crescia, vivia e morria

em função do marido". Poucos anos depois, entra para o Teatro de Revista e nasce uma show-girl. Encontramos, de passagem, outros grandes nomes femininos, como Tônia Carrero, Carmen Miranda e Elizeth Cardoso, que impressionam a jovem vedete.

Em 1958, estreia na televisão com o comercial, em estilo musical, do chocolate do Toddy, ao lado das atrizes Márcia de Windsor e Branca Ribeiro. Em seguida, inicia na TV Tupi, no programa semanal sobre música popular brasileira, sob a direção de Abelardo Figueiredo. Seu talento como cantora havia sido confirmado com o LP *Ooooooh! Norma*, que lhe rendera comparações com a cantora americana Julie London.

Durante o Primeiro Festival de Samba-Session na PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro), onde os padres a proibiram de cantar, enfrenta a primeira polêmica de sua vida pública, estampando manchetes de jornais. Com a ajuda de artistas, acaba por fim se apresentando "de *tailleur*, luvas e meias, toda vestida de preto, com o corpo coberto da cabeça aos pés", interpretando Vinícius de Moraes e Tom Jobim. O show foi um sucesso.

Nessa época, Norma tinha – e ainda teria –, inúmeros homens orbitando a sua volta, como *sputniks*. Os relatos sobre seus homens são generosos, mas também revoltados, e sugerem uma busca intensa por um amor utópico. Nos Estados Unidos, descobre o diafragma, que lhe daria liberdade, prazer e segurança nos relacionamentos. Mas, por vezes, rendia-se aos "brios machistas" de seus amantes e, a cada cerceamento de sua liberdade sobre o próprio corpo, concluía que era preciso partir. "Todos os meus homens tinham essa mania de (me) mandar escolher. Pior para eles!"

Da década de 1960 em diante, realiza o que considera seus primeiros papéis mais sérios, no cinema e também no teatro. Impressiona na peça *Procura-se uma rosa* (1961), de Gláucio Gil; e é convidada para substituir





Manifestação contra a censura, 1968



Vestido de noite, 1976

Odete Lara em *O pagador de promessas* (1961), de Anselmo Duarte. Com acanhamento, aproxima-se de cineastas ligados ao Cinema Novo, pois não se considerava como uma atriz genial, mas com muito instinto.

Sua participação em *Os cafajestes*, de Ruy Guerra, em 1962, provoca os setores mais conservadores do país, com o "primeiro nu frontal do cinema brasileiro". Não bastasse a perseguição política, enfrentava, naquele momento, a dor de mais um aborto, questão cara a tantas mulheres. A intensidade como reage às frustrações, sobretudo as pessoais, poderia ser traduzida pelos versos de Bob Dylan: "*she aches just like a woman, but she breaks just like a little girl*".

Norma Bengell não passou incólume pela temporada vivida na Europa. Realizou vários filmes, bons e também "classe Z, por uma questão de sobrevivência". Nas passagens sobre os bastidores do cinema e seus jogos de aparência, paira no ar uma inquietação sobre a permanência da cultura da violência no meio artístico e o silêncio que a circunda, a exemplo do recente caso Harvey Weinstein. Quanto Bengell teria a contribuir nesse debate? A certa altura, confessa: "Hoje sei por que as mulheres, na maioria das vezes, não denunciam seus agressores".

Na Itália, conhece Gabrielle Tinti, grande amor de sua vida, com quem se casaria de *tailleur* amarelo, nos estúdios Vera Cruz, com produção de Walter Hugo Khouri. Com Tinti, Norma experimenta um casamento moderno: "enquanto um filmava, outro cozinhava e cuidava da casa". Porém, em 1967, decidem pelo divórcio.

Depois de uma rápida estadia em Hollywood, resolve voltar ao Brasil. Em Copacabana, na boate Zum Zum, ouve pela primeira vez a palavra homossexual associada a uma mulher, ao ser apresentada a Gilda Grillo, que se tornaria sua companheira por sete anos. "Pela primeira vez, vivi meu lado feminino numa relação altamente sensual. Ela foi meu ídolo".

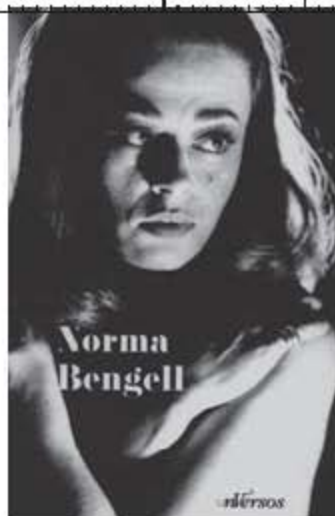
Ao participar do enterro do jovem Edson Luís, em 1968, Norma se conscientiza da realidade política do país. Em uma manifestação, perde a aliança de casamento que mantivera simbolicamente mesmo após o divórcio, e, na Passeata dos Cem Mil, ao se indignar com a violência de um policial, não hesita em dar-lhe um pontapé. A partir de então, sente na carne a perseguição política do período. São muitas as histórias, várias em tom altamente anedótico – suas "visitas" ao DOPS (Departamento de Ordem Política e Social); mais pontapés em policiais; o apoio às mães de presos políticos; e o atropelado sequestro que sofrera na porta do hotel, poucas horas antes de ir ao teatro encenar sob a direção de Paulo Autran.

Nos anos de chumbo, resiste, sobretudo, através do trabalho artístico. Sonia Reis, militante política e amiga de Norma, costumava provocá-la para aderir à luta armada, mas a atriz dizia que seu lugar era o palco. Nesse período, encena *Cordélia Brasil* (1968), de Antônio Bivar; atua em *O anjo nasceu* (1969), de Júlio Bressane; e produz a peça *O assalto*. Anos depois, após o rompimento com Gilda, Norma encontraria uma nova companheira de vida, com a qual dividiu décadas de amizade, afeto e lealdade.



Cordélia Brasil, 1968

FOTOS: ARQUIVO CINEMATECA BRASILEIRA



Apavorada diante de um país sequestrado, parte para o exílio na Europa, onde não se sentia a mesma, considerava ter perdido tudo que a compunha: a pátria, os pais, o amor e o cinema. Mas se reinventa em terras estrangeiras. Em Paris, consegue apoio para a montagem da peça *Os convalescentes*, de José Vicente, muito bem recebida pela crítica. Estreita a amizade com Glauber Rocha, a quem considerava um irmão; inquieta-se com certa militância arrogante; reencontra Jango, também exilado, em conversas sobre a busca pela “senhora tão difícil” chamada Democracia; e realiza um vídeo sobre a presa política Inês Etienne Romeu, única sobrevivente da Casa da Morte, cativo mantido pelo regime militar em Petrópolis.

Em meados dos anos de 1970, consciente de que era um “bode expiatório ideal para a repressão”, decide voltar ao Brasil. Encontra dificuldades para arrumar trabalho, pela fama de temperamental – afinal, “quando uma mulher questiona, é louca, machona ou comunista” –, mas segue, entre as certezas e inquietações de uma mulher independente. Atua em *Mar de rosas* (1977), de Ana Carolina; grava o segundo LP, *Norma canta mulheres*; e filma *O abismo*, com Rogério Sganzerla. Engaja-se na defesa do cinema nacional, pós-desmonte da Embrafilme, e pela promulgação da Lei do Audiovisual.

Cansada de seus papéis femininos, nos quais “entra, faz amor, chora e apanha”, Norma, enquanto diretora, voltaria seu olhar para mulheres marcantes na história brasileira: Patrícia Galvão (*Eternamente Pagu*), Maria Gladys (*Maria Gladys, uma atriz brasileira*), Guiomar Novaes (*Infinitamente Guiomar Novaes*), Antonietta Rudge (*Antonietta Rudge: o êxtase em movimento*) e Magda Tagliaferro (*Magda Tagliaferro: o mundo dentro de um piano*).

O declínio de sua carreira começaria a partir das acusações de desvios de recursos na produção de *O Guarani* (1996). A polêmica fabricada e o processo

de perseguição guardam espantosa semelhança com os atuais ataques proferidos pela patrulha conservadora à classe artística brasileira e o seu projeto para desmoralizar as frágeis, mas fundamentais, políticas públicas para o setor. Na década seguinte, após a perda de sua fiel companheira e com severas limitações físicas, Norma amarga o ostracismo, até seu falecimento em 2013.

Seus escritos autobiográficos trazem um esforço, mais ou menos intencional, de permanecer. Sua interpretação não é unívoca. Ao leitor, a protagonista descortina suas angústias e desejos mais profundos, mas não permite que a decifre. E, paralelamente, somos convidados a ler sobre uma sociedade e seus sistemas de regulação de corpos e subjetividades no longo processo histórico.

Os documentos originais que possibilitaram a organização do livro estão na Cinemateca Brasileira e integram o arquivo pessoal Norma Bengell, adquirido pelo Ministério da Cultura. Desde 2016, técnicos do Centro de Documentação e Pesquisa da Cinemateca têm se encarregado de organizar esse universo documental, formado por cadernos, folhas avulsas, fotografias, objetos pessoais, filmes e fitas, para com isso revelar a pluralidade, ainda desconhecida, dessa grande mulher. As imagens e narrativas guardadas nesse arquivo mantêm viva a memória de Bengell que, por sua vez, ainda tem muita coisa a nos dizer – sobre ser mulher, sobre ser artista. De qualquer modo, um ponto de partida para conhecê-la é essa instigante autobiografia.

*GABRIELA SOUSA DE QUEIROZ é formanda em História e especialista em Arquivologia. Atualmente, coordena o Centro de Documentação e Pesquisa da Cinemateca Brasileira.